

Adesão ao Plano Brady

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

17 MAR 1993

GAZETA MERCANTIL

Mais de 95% dos bancos credores confirmaram até meia-noite de segunda-feira sua adesão ao Plano Brady de reestruturação da dívida externa de cerca de US\$ 44 bilhões do Brasil. O anúncio foi simultaneamente feito ontem em Nova York pelo vice-presidente do conselho do Citibank, William Rhodes, e em Brasília pelo ministro da Fazenda, Eliseu Resende (ver ao lado).

"A resposta positiva dos bancos, que aconteceu na data prevista, demonstra seu apoio ao compromisso do Brasil de concluir o plano de financiamento e regularizar suas relações com a comunidade financeira internacional", disse Rhodes, que supervisiona o comitê assessor de dezesseis bancos para o País, presidido pelo Citibank.

O passo seguinte é a distribuição dos bancos entre as sete opções do cardápio



William Rhodes

do Plano Brady. "A opção de 65% pelo Par Bond (bônus par) foi boa para a Argentina, mas não é boa para o Brasil", ressaltou ontem mais uma vez o chefe da renegociação da dívida externa do País, Pedro Malan. Ele não esconde, a quem indaga, que o limite para o País é de 40% do estoque da dívida convertido

nesta opção, a mais cara para o País.

"A notícia é boa", diz Luiz Fraga, diretor-gerente no banco de investimentos Bear Stearns & Co. "Vai ajudar a emissão de títulos brasileiros no euro-mercado, por exemplo, porque o clima em relação ao Brasil agora melhorou, está bem mais relaxado", acrescenta.

Dez dias atrás, "o clima era negativo, e agora mudou", concorda Joseph Boyle, diretor-gerente no Chase Manhattan Bank. "O anúncio da aceitação dos bancos é um passo adiante na conclusão do Plano Brady. Algumas incertezas ainda existem, sobre a escolha dos credores no cardápio e sobre o acordo do País com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Mas a recente postura do governo em relação ao programa de privatização é mais positiva, e os mercados reagiram bem", explicou.

Diz o administrador de dinheiro Marcus Regueira, da Fortuna Investment Co., de Wilton, em Connecticut, que o anúncio tem dois lados. "É na verdade o começo de uma negociação com os bancos em torno da distribuição pelas diversas opções. E tem um lado muito positivo, com os bancos votando na data prevista, demonstrando interesse em levar adiante o acordo", raciocina.

Mas Martin Schubert, presidente da butique de investimentos Eurinam, enfatiza que "a aprovação

dos bancos é apenas um primeiro passo. Todos os olhos se voltam agora para a negociação do Brasil com o FMI, para recolocar nos trilhos o acordo 'stand by', que é indispensável para concluir o Plano Brady. O FMI espera para isso a definição de um novo programa econômico".

E existem outros obstáculos. "É preciso ver agora a distribuição dos credores entre as opções do cardápio. Provavelmente terá que haver um ajuste neste ponto, que não vai ser tão fácil como no caso da Argentina, porque os brasileiros querem uma concentração menor no Par Bond", argumenta ele.

No entanto, Schubert tem algo positivo a dizer sobre Itamar Franco, o presidente que até recentemente era visto no sistema financeiro internacional como um mero prefeito do Brasil. "De um modo geral, o governo Franco está recebendo cotações mais elevadas nos mercados financeiros que entre seus críticos na imprensa", assegura.

(Ver página 19)